

DANTE MILANO

UM POETA À REVELIA DE SI MESMO

Ricardo Vieira Lima

Ricardo Vieira Lima é jornalista, formado em direito, crítico literário e poeta, vem colaborando nos últimos anos para vários jornais de grande circulação, como O Globo e o Jornal do Brasil.

Ricardo Vieira Lima ist Journalist und studierte Jura. Er ist literarischer Kritiker und Dichter und schreibt für Zeitungen wie Globo und Jornal do Brasil.

OBRA REUNIDA

Dante Milano. Organização e estabelecimento

de texto de Sérgio Martagão Gesteira

Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras,

2004. 529 p.

Como Giacomo Leopardi e Augusto dos Anjos – poetas que, de fato, influenciaram-lhe a obra –, Dante Milano (1899 – 1991) foi, a rigor, autor de um único livro: *Poesias*, volume lançado em 1948, quando o poeta já se aproximava dos 50 anos, e que, ao longo de mais de meio século, praticamente só foi aumentado.

Acrescente-se o fato de que nenhuma das edições da obra milaniana foi organizada pelo próprio. A primeira, a que nos referimos, saiu pela Editora José Olympio, fruto de uma oportuna “ação entre amigos”: Queirós Lima e Manuel Bandeira, entre outros, à revelia do poeta, prepararam e entregaram os originais diretamente ao editor. As segunda e terceira edições, lançadas, respectivamente, em 1958 e 1971, pelas editoras Agir e Sabiá, sofreram acréscimos, mas a preparação dos originais ficou a cargo das mencionadas casas editoriais.

Em 1979, em comemoração aos 80 anos de Dante Milano, o poeta e pesquisador Virgílio Costa organizou e publicou *Poesia e prosa*, uma co-edição da Civilização Brasileira com o Núcleo Editorial da UERJ, que reuniu, até aquele ano, a poesia anterior de Dante, acrescida de inéditos, de suas principais traduções (trechos e poemas da obra de Dante Alighieri e Charles Baudelaire) e de sua prosa, dispersa e publicada nos jornais, sobretudo no decorrer da década de 1940.

A quinta edição é a presente *Obra reunida*, lançada recentemente pela Academia Brasileira de Letras, com organização e estabelecimento de texto desta vez a cargo do professor universitário Sérgio Martagão Gesteira, o qual, em sua “Nota explicativa”, confessa haver seguido o “lúcido esquema constante da 4ª edição, organizada por Virgílio Costa”, uma vez que a mesma foi a última publicada em vida do autor.

A nova edição possui muitos méritos: repõe em circulação a obra reunida de Dante Milano, após um quarto de século; o projeto gráfico do volume, elaborado pelo *designer* Victor Burton, é belo e sofisticado; a iconografia apresentada é rica em detalhes e curiosidades sobre o poeta, com destaque para a revelação do talento oculto de Dante Milano como escultor. Porém, o que mais nos chamou a atenção foi o rigor de Sérgio Gesteira no estabelecimento do texto. Pesquisador dedicado, o organizador fez um trabalho notável de atualização ortográfica dos escritos que compõem o volume; corrigiu gralhas de edições anteriores e efetuou reparos nas citações em língua estrangeira, presentes na ensaística milanesa. Outra contribuição essencial de Gesteira, no tocante às esplêndidas traduções empreendidas pelo poeta (integram a *Obra*, desta vez, além dos já divulgados trechos e poemas de Dante Alighieri e Baudelaire, três poemas de Mallarmé), foi a de acrescentar às versões em língua portuguesa os respectivos originais, conferindo, finalmente, o caráter bilíngüe, que sempre esteve ausente nas edições pregressas. Sérgio também incorporou à *Obra* vinte e dois textos em prosa e seis de poesia inéditos em livro, os quais, ainda que não representem um ganho qualitativo (à exceção dos artigos “Experiência de amor” e “Castro Alves”), reforçam a fisionomia literária do autor. Entre eles, alguns curiosos poemas em prosa.

Quanto aos reveses da atual edição, é de se lamentar, principalmente, a ausência da tradicional “Fortuna Crítica”, que, via de regra, acompanha as melhores edições do gênero. No que tange à presença do estudo “Dante Milano: o pensamento emocionado”, da autoria do poeta, crítico e acadêmico Ivan Junqueira, como texto introdutório da *Obra reunida*, acreditamos ter sido uma escolha acertada do organizador – o qual também incorporou o belíssimo poema “Terzinas a Dante Milano” e uma “Biobibliografia” do poeta, ambos os textos também da autoria do presidente da ABL –, haja vista que o ensaio de Junqueira talvez seja o melhor estudo crítico já produzido sobre Milano (Gesteira não cita a fonte, mas o ensaio e a biobibliografia escritos por Ivan não são textos inéditos, pertencendo ambos à antologia *Melhores poemas*, Editora Global, SP, 1998). Contudo, ao prescindir da “Fortuna Crítica”, que de resto integrou a edição de 1979, o organizador impossibilitou os leitores da *Obra* de entrarem em contato imediato com alguns antológicos artigos sobre a poética milanesa, escritos por nomes como Sérgio Buarque de Holanda, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos ou Franklin de Oliveira, limitando a visão sobre o poeta a um único enfoque.

Em que pesem as impropriedades acima referidas, a atual reunião de obra comprova que Dante Milano foi, ainda que a despeito ou à revelia de si mesmo, um dos grandes nomes da poesia brasileira do século XX. Sim, porque sua obra poética – para usar um símile já gasto, mas bastante apropriado para o assunto em questão – é como a fênix renascida de suas próprias cinzas: quando pensamos que ela está morta, ressurge com maior vigor e grandeza. Com efeito, a poesia milaniana já nasceu destoando da obra de seus pares, conforme salientou Sérgio Buarque de Holanda: “Nada, nos seus versos se assemelha profundamente ao que foi escrito entre nós”. Franklin de Oliveira, por sua vez, destacou, com propriedade, que “Dante Milano construiu a sua obra não *sub specie temporis*, mas sob o signo da eternidade.” Já Augusto Frederico Schmidt considerava-o “uma voz pura, alta, uma voz solitária, uma das melhores e mais graves vozes de poeta nascidas no Brasil.” Transcrevemos essas poucas e avalizadas opiniões críticas tão-somente para demonstrar o quão equivocadas têm sido algumas recentes análises perpetradas por críticos do porte de Wilson Martins ou Felipe Fortuna, pelo fato de considerarem Milano um “poeta menor”, que pouco ou quase nada, segundo eles, teria acrescentado à literatura. Tais equívocos devem-se, acreditamos, à postura assumida pelo poeta, durante toda a sua existência. Para Manuel Bandeira, Dante Milano era, “seguramente, o mais retraído dos nossos grandes poetas; e por tão retraído, tão pouco conhecido do grande público”. Esse retraimento, essa aversão à “falsa glória”, confundiu e ainda confunde boa parte da nossa obtusa crítica atual, a qual, não raro, toma como sinônimos *recolhimento* e *desimportância*. Quem radiografou, com exatidão, a situação de Dante foi Paulo Mendes Campos, que sentenciou: “a modéstia de um Autor é sempre punida com a modéstia da crítica e do colunismo jornalístico.” Por esse motivo, propagou-se o inadequado conceito, infelizmente alimentado pelo próprio poeta, de que Dante Milano foi a maior “vocação póstuma” da poesia brasileira. Em entrevista à artista plástica Denira Rozário, concedida em 1987, ele afirmou: “Não pretendia publicar livro nenhum enquanto estivesse vivo. A popularidade me repugna.” Não obstante a vontade do autor, o fato é que sua obra foi divulgada e, conquanto tenha escoado em pequenas e limitadas tiragens, foi pouco lida, mas lida por poetas e críticos essenciais (Milano foi amigo e conviveu de perto com nomes como Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Jorge de Lima e Carlos Drummond de Andrade, entre outros), que souberam compreender e apreender o significado dessa poesia, que

assim acabou por influir, indiretamente, no rumo que a poesia brasileira trilhou, nos últimos 50 anos, conforme veremos adiante.

Lírica de pensamento por excelência, a obra poética milanesa apresenta, como temas centrais, a morte ou a fugacidade das coisas; a dor e o corpo humano, notadamente o feminino.

No primeiro aspecto, avulta, por exemplo, a maioria dos dez magníficos sonetos que constituem metade da parte inicial da obra poética de Dante, intitulada “Sonetos e fragmentos”. O primeiro soneto, aliás, é paradigmático. É um dos melhores da língua: “Horizonte cerrado, baixo muro, / A névoa como uma montanha andando, / O céu molhado como mar escuro. / (...) / Por muito tempo ainda ficou ventando. / Cravei no espaço lívido o olhar duro / E vi a folha no ar gesticulando, / Ainda agarrada ao galho, antes do salto / No abismo, a debater-se contra o assalto / Do vento que estremece o mundo, e então / Sumir-se em meio àquele sobressalto, / Depois de muito sacudida no alto / E de muito arrastada pelo chão...” Eis o tema da perda maior, da efemeridade da vida, contemplada no detalhe pelo poeta, e consubstanciada em decassílabos exemplares. No mesmo sentido, podem ser pinçados, no conjunto do *corpus* poético milanesa, textos como “A morte em sonho”, “Praia deserta” ou “Mendigo”.

Poeta do desespero e da dor, influenciado pelas leituras de Leopardi e Schopenhauer, abordou essa temática em poemas como “Moinho”, “Cantiga”, “Canção inútil”, ou no admirável “Paragem”: “Só com os meus bois. / Os meus bois que mugem e comem o chão, / (...) / O boi da minha solidão, / (...) / O boi do meu cansaço, / O boi da minha humilhação. / E esta calma, esta canga, esta obediência.” E se a dor é insuportável, restaria uma única alternativa: o suicídio. A obra milanesa está repleta de poemas sobre essa questão. Todavia, em vários deles, a exemplo de “Diálogo” e “Alento”, prevalece a idéia de que suicidar-se é inútil, já que a morte é rápida e a dor, eterna: “Sinto uma coisa que me prende à terra – a dor.” (“Raiz”).

Logo, para adiar a morte e aliviar a dor, resta ao poeta optar pelo amor. Mas o amor, para Dante Milanesa, não é o “amor vulgar dos homens”, e sim “a coisa mais só, mais funda, mais infinita”. Leia-se, neste sentido, o camoniano soneto “III”, inserto na

primeira parte da obra. Trata-se, simplesmente, de um dos mais belos poemas líricos da língua portuguesa de todos os tempos.

Sob outro aspecto, o amor milaniano é um amor sem objeto, não dirigido a uma determinada mulher, mas “encarado a partir da experiência do corpo”, no dizer de Antonio Candido e Gilda de Mello e Souza sobre a obra de Manuel Bandeira, poeta-irmão de Dante. Tal como Bandeira, Milano é um poeta do corpo. Seu erotismo é cru, direto: “A forma da fêmea integrou-se no corpo do macho, / Ambos uma só pedra / Onde ressaltam, invisíveis, separando-os, / As duas almas supérfluas.” (“Escultura”). Esse poema dialoga perfeitamente com “Arte de amar” e “Unidade”, ambos escritos por Manuel Bandeira e publicados na mesma época que “Escultura”. A afinidade entre os textos comprova a adesão de Dante Milano à estética modernista, e, simultaneamente, como já dissemos, a influência que o poeta exerceu sobre Bandeira e outros poetas do movimento.

Alguns pontos de tangência também podem ser encontrados entre as obras de Dante Milano e de Carlos Drummond de Andrade. Vários poemas que compõem a seção “Terra de ninguém”, da *Obra reunida* de Milano, dialogam com diversos poemas drummondianos, tais como “Sentimento do mundo”, “Os ombros suportam o mundo”, “A flor e a náusea”, “O medo” ou “Nosso tempo”. Os poemas de Dante mais característicos dessa fase, a exemplo de “Os trabalhos do mundo”, “Trégua”, “Vozes abafadas” ou “Salmo perdido” refletem, juntamente com os de Drummond, o espírito da época: um mundo angustiado, dividido e em guerra (os textos foram escritos entre 1939 e 1944). Mudando de postura, Dante Milano compôs, naqueles anos, poemas de métrica e ritmo mais livres. Percebeu, também, que era um “animal social”, e não um indivíduo fechado em si mesmo. Aderiu, assim, ao realismo social e alcançou um alto grau de expressão. Esse compromisso com a humanidade, em seu sentido mais nobre (político e estético), equiparou Milano aos maiores poetas do período, como, além do já citado Drummond, Pablo Neruda, Paul Éluard, Jorge Guillén ou o Murilo Mendes de *Poesia liberdade* (1947). Mas não fez com que o poeta abandonasse seu gosto pela tradição e pela cultura clássica. Clássico e contemporâneo a um só tempo, Dante Milano soube, como nenhum outro poeta brasileiro, conjugar, com perfeição, o melhor da cultura

clássica ocidental aos avanços formais e conteudísticos empreendidos pelos modernistas mais maduros.

No entanto, sua poesia ainda permanece desconhecida do grande público. O Brasil lhe deve um reconhecimento maior, à altura de seu talento. A publicação desta *Obra reunida* é a oportunidade que esperávamos para reparar uma injustiça que já dura mais de meio século. Nunca é tarde demais para fazê-lo.